



**Londres, 9 de agosto de 2011**  
**Juventude, violências e conflitos semânticos nos jornais<sup>1 2</sup>**

Nathalia Pereira Bustamante ABREU<sup>3</sup>  
Wedencley ALVES<sup>4</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

**RESUMO**

Este estudo tem por objetivo entender os conflitos que acontecem em ambientes urbanos buscando compreender, pela análise do discurso, sua relação com o meio e com a mídia. Discursivamente, o ambiente citadino é encarado como uma construção de sentido, e o ataque a este ambiente pode ser observado como um ataque direto aos discursos vigentes. Analisando o caso das revoltas de Agosto de 2011, em Londres, procuramos entender o papel da imprensa, especialmente dos jornais escritos, nas atribuições de sentido aos acontecimentos e consequente construção de um discurso urbano.

**PALAVRAS-CHAVE:** imprensa britânica; discurso; revoltas agosto de 2011; discurso da cidade.

**1. Introdução**

A cidade se organiza de acordo com os costumes de seus habitantes, sua história, suas lembranças e seus conflitos. Isso é válido tanto para as pequenas cidades que se formaram no início da história humana, com o fim do nomadismo, como para as grandes capitais globalizadas do nosso século. Cada cidade tem uma lei social, construída diariamente e contestada constantemente. A mídia tem um papel expressivo nessa construção do discurso citadino, pelo simples fato de dar nome às coisas e aos acontecimentos. Seu poder é ainda maior pelos significados que essa nomeação carrega: as atribuições de sentido que se agregam à vida urbana.

Pegamos o caso de agosto de 2011, em Londres para identificar como acontece essa construção de sentido pelos jornais impressos. A escolha dos jornais se deu pela

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Este texto é resultado de pesquisa de iniciação científica (voluntária) em andamento, desenvolvida no âmbito da linha *Discursos na Mídia sobre o Mal Estar Social*, do projeto *Cartografia dos Discursos da Mídia sobre o Bem e o Mal Estar* (Físico, Mental, Social), coordenado pelo professor Wedencley Alves (UFJF-Facom). Também participamos do grupo de pesquisa *Comunicação e Discursos: Saúde, Afetos e Violências*, certificado pelo CNPq.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social da FACOM - UFJF, email: nathalia\_elenove@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da FACOM – UFJF, email: wedenn@yahoo.com.br



relevância, circulação e credibilidade – mas não só por isso. The Guardian, The Daily Telegraph e Daily Mirror foram escolhidos pela similaridade de suas fotos de capa, que diminuí as variantes da análise, direcionando o foco para o discurso produzido ao redor da imagem.

A análise é voltada à compreensão dos sentidos atribuídos pelos jornais às revoltas populares. Desta forma, esta pesquisa está inserida não apenas no âmbito da comunicação, ao buscar tratar do relacionamento mídia/discurso/realidade, mas também no das Ciências Sociais, através da análise de discurso. Enxergar a cidade e as contradições que carrega como uma afirmação de sentidos é um passo para entender as revoltas que nela acontecem e suas motivações.

## 2. O Acontecimento Histórico<sup>5</sup>

As revoltas de agosto de 2011, em Londres (noticiadas como “*London Riots*”) surpreenderam a muitos pela rapidez com que se espalharam e pela violência de suas manifestações. A causa imediata dos protestos foi o assassinato, pela polícia metropolitana, de um morador do distrito londrino de Tottenham. Mark Duggan, segundo o IPCC (órgão independente britânico que investiga ações violentas da polícia), estaria sendo investigado por crimes na comunidade negra, e a morte ocorreu durante uma tentativa de prisão.

No dia 6 de março, parentes e amigos da vítima organizaram uma passeata pacífica, para cobrar justiça das autoridades locais. A marcha parou em frente à sede policial de Tottenham, com a exigência de que a superintendência da polícia local prestasse esclarecimentos sobre o caso. Enquanto os cerca de 200 manifestantes esperavam que algum comandante chegasse a Tottenham, uma multidão juntou-se a eles. O estopim para o início do tumulto foi o rumor de um ataque da polícia a uma garota de 16 anos. A alegação da polícia é que a menina estaria representando riscos, por brandir uma garrafa de vidro.

Em sete de agosto, as notícias sobre o acontecimento em Tottenham se espalharam para outros distritos da cidade, que se mobilizaram em suas próprias manifestações. Na noite desse mesmo dia, seis localidades, incluindo o centro da cidade, registraram protestos violentos. No dia 8, a cidade foi palco de uma onda de saques e

---

<sup>5</sup> A descrição dos acontecimentos é baseada em uma síntese da cobertura da imprensa, local, de veículos grandes ou independentes.



incêndios – foram 16 os bairros atingidos. Outras cidades, como Gloucester e Birmingham, também tiveram protestos semelhantes.

No dia 9 o policiamento na capital britânica foi reforçado. Em outras cidades próximas, porém, a manifestação continuou, chegando a atingir localidades mais distantes, ao norte da Inglaterra. Em 10 de agosto, os protestos cessaram em Londres, acompanhando as ações policiais: mais de 3000 pessoas foram presas. Em localidades próximas a Liverpool e Manchester, os protestos continuaram ainda no dia 10.

Em 1985, uma revolta semelhante à de 2011 aconteceu no mesmo distrito de Tottenham. As motivações também foram semelhantes. Em 8 de outubro daquele ano, uma mulher afro-caribenha morreu ao ter um ataque do coração enquanto a polícia revistava sua casa. Esse foi o estopim para a revolta, em um contexto em que a tensão entre a Polícia Metropolitana e a comunidade negra local estava exaltada. No dia seguinte, houve uma manifestação em frente ao posto policial de Tottenham, e o confronto entre manifestantes e policiais foi violento.

Na última década, a capital britânica foi por diversas vezes palco de manifestações, por vezes violentas, como os atentados a bombas em estações de metrô, em 7 e 21 de julho de 2005, outras quase pacíficas, como os protestos na ocasião da reunião da Cúpula do G-20, em 2009.

Não são raras as organizações de passeatas e protestos em Londres contra medidas governamentais. Só os últimos três anos registraram pelo menos quatro manifestações de grande porte: Em 2009, uma grande marcha acompanhou o Encontro da Cúpula do G-20, fazendo reivindicações e levantando pontos de discussão que iam de mudanças climáticas à guerra contra o terrorismo. Em 2010, houve protesto estudantil contra as reduções de investimento em educação em todo o Reino Unido, com foco principal em Londres. Em 2011, foi realizada uma passeata contra o anúncio de cortes de gastos governamentais.

### **Outros protestos ao redor do mundo**

As revoltas de agosto no Reino Unido são apenas parte do cenário das amplas manifestações populares ocorridas nos últimos dois anos. A Primavera Árabe, como ficaram conhecidos os movimentos antiditatoriais ao norte da África e península arábica, teve início em janeiro e repercutiu durante o ano todo. O Chile presenciou, de agosto a outubro, reivindicações por melhor qualidade na educação. Por fim, em



setembro, começou o Occupy Wall Street, movimento que reuniu no centro comercial de Nova York manifestantes contra a “ganância financeira e a corrupção”, na definição dos próprios manifestantes.

Todos esses movimentos não podem, e não devem, ser estudados separadamente e/ou fora do seu contexto. O mundo ainda não se recuperou da crise econômica de 2008 e já está passando por outra, na zona do Euro. As maiores economias do mundo ficaram fragilizadas – o que diminuiu o fluxo de mercado, aumentou o desemprego, aumentou a desigualdade, aumentou a insatisfação.

Todos os acontecimentos que abalaram 2011 têm ligação direta com o descontentamento das pessoas com a atuação das autoridades de seus países em diferentes assuntos, mas principalmente no que diz respeito à economia e sociedade - fatores que influenciam diretamente na qualidade de vida desses povos.

### **3. A “cidade” como textualidade e como espaço de discursividades**

Evitando entrar em discussões filosófico-teóricas sobre linguística, em um sentido prático a linguagem é reconhecida pela Associação Americana de Discurso-Linguagem-Escuta (ASHA) como “um complexo e dinâmico sistema de símbolos convencionados, usados em vários modos para pensamento e comunicação”. Assim, a fala, o gesto, a arte, a dança são formas tradicionais de linguagem.

Disciplinas como a Análise de Discurso, por exemplo, vê em toda produção de sentido e troca de informações uma possibilidade de linguagem – e é através dela que enxergamos a construção da cidade como uma afirmação discursiva. Raquel Rolnik explica que “construir cidades é também uma forma de escrita”:

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto habitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto. (ROLNIK, 2004, p. 17)

Uma forma de escrita que, ainda segundo Rolnik, serve para organizar o território em uma razão política. Já Pêcheux (2008) percebe a linguagem como um terreno de conflitos políticos e simbólicos, onde os sentidos são movimentados. Nesta visão, a cidade, como conjunto de linguagem, seria palco de um discurso político dominante onde combatem as esferas do social e do popular, na tentativa de criar e modificar significados atribuídos.



Cada cidade teria, assim, a partir de sua formação histórica, social, de sua vocação econômica e suas características culturais, um discurso próprio. Ramos e Pimentel (2011, p. 132) sintetizam essa percepção, entendendo a narratividade urbana como formulação linguística da cidade e do seu social – são gestualidades, trajetos urbanos e corporificações por onde a cidade se expressa e se significa.

### **Lutas contra os sentidos institucionalizados**

Ao compreendermos a cidade como forma de discurso institucionalizante de uma ordem (social, política, cultural), pode-se compreender, por consequência, as revoltas ocorridas no espaço urbano como um afrontamento a esses sentidos institucionalizados pelos discursos vigentes.

O “combater a cidade” ao invés de combater certo grupo ou certa ideologia mostra a correlação entre o social e discurso cidadão na percepção popular: o povo enxerga no ataque ao urbano uma saída para manifestação, pacífica ou não, carregada de simbologia. “Na passeata, comício ou barricada a vontade dos cidadãos desafia o poder urbano através da apropriação simbólica do terreno público.” (Rolnik, 2004, p. 25). É o caso de Londres, onde, apesar de os protestos serem direcionados à ação policial em bairros marginalizados, o foco das manifestações foi a depredação do espaço público. Os alvos dos protestos londrinos não foram nem postos de polícia nem órgãos do governo: foi a própria cidade.

Cabe, aí, contextualizar as pressões sociais e étnicas vividas pela população marginalizada da Inglaterra. Hall (2001, p. 61) explica que, a despeito do ideal instituído, o estado nacional britânico era formado por culturas homogêneas e unificadas até a explosão imigratória do pós-Guerra. Desde sempre, diferentes povos, como irlandeses e gauleses, compunham o “ser britânico”. Com as correntes migratórias pós-coloniais e no contexto posterior à Segunda Guerra, a periferia global ocorreu à antiga metrópole – e, neste momento, os diferentes povos britânicos teriam se unificado ideologicamente para contrapor-se ao imigrante heterogêneo, especialmente o afro-caribenho e o asiático.

Eles passaram por todos os processos da exclusão social, sofreram a desvantagem que o racismo lhes impunha. (...) Sua história no pós-guerra tem sido marcada por lutas contra o preconceito racial, por confrontos com grupos racistas e a polícia, bem como pelo racismo institucionalizado e as autoridades públicas. (...) Em termos gerais, a maioria se



concentra na extremidade inferior do espectro social de privação, caracterizada por altos níveis relativos de pobreza, desemprego e insucesso educacional. (HALL, 2001, p. 64)

Nota-se que as tensões sociais entre poder público, polícia e minorias étnicas, concentradas em bairros como Tottenham, Brixton e Peckham (em Londres) não são apenas decorrentes de fatos recentes. As manifestações contra *a cidade* demonstram que elas se posicionam não contra um governo especialmente xenófobo, nem contra uma força policial especialmente violenta, mas sim contra uma ordem social que é vigente desde o pós-guerra e que os marginaliza, os segrega e tenta impedi-los de serem incluídos ao *ser britânico*.

Do ponto de vista político, a segregação é produto e produtora do conflito social. Separa-se porque a mistura é conflituosa, e quanto mais separada é a cidade, mais visível é a diferença, mais acirrado poderá ser o confronto.” (ROLNIK, 2004, p. 52)

#### **4. O Acontecimento Discursivo**

Parte do imaginário urbano, que compõe o discurso da cidade, é construído pelos chamados formadores de opinião. Gestualidade, conceitos e, principalmente, palavras e declarações são incorporadas ao imaginário coletivo, construindo uma noção de cidade/nação/comportamento que é mutável e influenciável.

Dentre os formadores de opinião, destaca-se o papel dos meios de comunicação. O que a mídia, de uma forma geral, noticia ou deixa de noticiar é base da formação de opinião do público. Enzensberger (2003, p. 80) utiliza o conceito de indústria da consciência para caracterizar essa relação entre meios de comunicação e sociedade: para ele, a maneira como é transmitida a informação possibilita aos meios moldar a consciência da “massa”. E é esse poder de, através das palavras, criar sentidos e difundir-los que estudaremos a seguir.

Para tanto, serão analisadas três capas de jornais britânicos do dia 9 de agosto de 2012. Os jornais foram escolhidos pela relevância no cenário nacional e por circulação: The Guardian e The Daily Telegraph estão entre os dez melhores jornais do mundo na lista elaborada pelo site 4InternationalMedia&Newspaper (2012). O outro jornal escolhido, The Daily Mirror, tem cunho mais popular e é o terceiro de maior circulação na Grã-Bretanha.



Outro critério utilizado para a escolha desses jornais foi a semelhança das fotos escolhidas para a matéria de capa – The Daily Telegraph e The Daily Mirror utilizaram a mesma fotografia, e The Guardian escolheu outra muito semelhante, tirada apenas uma fração de segundo antes da primeira.

Na análise, serão consideradas a disposição de textos e imagens e as chamadas das matérias.

#### 4.1. The Guardian

A opção de foto do Guardian tem diferenças sutis para com a dos outros dois jornais. Nela, há uma mulher saltando da janela de um prédio na direção de pessoas que a segurarão, com chamadas ao fundo. Uma foto impactante, tanto pelo seu conteúdo como pelas cores fortes: preto e amarelo/laranja.

Na diagramação da capa, a foto ocupa quatro das cinco colunas do jornal, no canto superior direito. No canto superior esquerdo, uma coluna de texto. Abaixo da foto, mais três colunas de texto e uma coluna com “Insides” – referência ao conteúdo do interior do jornal.

Abaixo, uma matéria com foto sobre a crise do Débito nos EUA: “Obama's call for urgency fails to prop up plunging shares.” Ao alto, acima do logotipo do jornal, aparece uma chamada para a coluna de economia de Aditya Chakraborty: “Why Europe's Real Problem Economy Is Germany”.

Nota-se o claro enfoque econômico dado à primeira página do The Guardian: das três matérias, duas são sobre a crise econômica, na Europa e nos Estados Unidos.

As leituras textuais não são imanentes. Toda uma sorte de cotextualidade influi sobre a interpretação. Olhando a página de jornal como uma textualidade com diversos textos e imagens, entendemos que ao optar pela exposição de notícias sobre a crise econômica, o periódico acabou por produzir efeitos de sentido diversos dos outros





jornais, principalmente, pela associação sintática entre os significantes “crise econômica” e “revolta”.

O título escolhido pelo Guardian foi “*The Battle For London*”. Segundo o próprio jornal, que analisou as capas de outras publicações, seu título foi “bem mais prosaico, mas menos tendencioso que os seus rivais.”

Três subtítulos se alinham abaixo do título: “Alerta Máximo enquanto tumultos violentos se espalham pela capital”, “Desordem no centro de Birmingham” e “Primeiro Ministro e Secretário de Casa (como é conhecido o Secretário de Estado para Assuntos Internos) retornam do feriado”.

Em uma rápida busca pelo título “A Batalha por Londres” na internet, constatamos que o termo é título de um livro de Bernard Cornwell: “*Sword Song: The Battle for London*”, que relata guerras na Baixa Idade Média entre saxões e dinamarqueses pela cidade romana. Bernard Cornwell é um conhecido autor de romances sobre a formação do Reino Unido, contos de unificação pelo Rei Arthur e guerras de conquista.

Um filme-propaganda britânico de 1941 também leva esse nome. O curta conta o impacto na capital britânica dos bombardeios de 1940 a 1941 – ressaltando o espírito de resiliência e força dos londrinos, que lutaram para manter a cidade viva.

O termo “Batalha por Londres” também é muito aplicado à disputa política pela prefeitura da cidade.

Desta forma, o título da matéria vem carregado de sentidos que atuam como uma rede de formulações já conhecida pelo leitor. É a memória da língua agindo sobre a leitura e os gestos de interpretação, sendo atualizada e deslocada por estes. Uma leitura possível, por exemplo, é a associação dos tumultos com aqueles momentos memoriais da Nação e/ou com formulações literárias, que de certa forma ajudaram a construir o imaginário urbano.

#### **4.2. The Daily Telegraph**

O Daily Telegraph utilizou uma foto muito semelhante à do The Guardian, de uma fração de segundo depois. A diagramação é em U, com a foto no centro, ocupando quatro colunas das sete do jornal. A coluna da direita contém quatro subtítulos: “Polícia perde controle da capital”; “Gangues comandam tumultos de leste a oeste”; “Outras cidades atingidas pela confusão” e “Cameron encerra feriado antecipadamente”, e



blocos de texto. Abaixo da foto, há mais três colunas de texto e uma charge, cujo conteúdo não pôde ser visualizado. Do lado esquerdo, uma retranca fala sobre a ordem da Secretária de Assuntos Internos, Theresa May, de “Enviar Canhões de Água para limpar as ruas”. Abaixo, há uma chamada para a coluna de economia: “Vendas de pânico assustam Bolsas de Valores do mundo” acompanhada de um gráfico.

Esta capa do Daily Telegraph ganhou, pelo Press Awards 2011, o prêmio de melhor primeira página do ano. Pode-se constatar que o destaque dado pelo Daily Telegraph às revoltas foi maior que o dado pelos outros jornais – praticamente toda a primeira página fala desse tema.

O “*Rule of the Mob*” (em tradução literal, “regra da multidão”, “lei da turba”) se estabelece como outro gesto de interpretação em relação ao The Guardian, e produz outros efeitos de sentido: o que está em jogo é o caráter anárquico do movimento. No Daily Telegraph, a história e, consequentemente, a política não aparecem como possibilidades de sentido.

Mas além do significado, ou sentido estabilizado, *Rule of The Mob* também faz ressoarem outros sentidos associados. Sentidos que também remetem a uma rede de formulações, embora bem diversa daquela evocada pelo The Guardian: remete, por exemplo, à música da banda britânica de Heavy Metal Black Sabbath, *The Mob Rules*. O som pesado da banda atua como intertexto a produzir sentidos sobre as manifestações populares, “som pesado” que não raro é associado, por um público mais conservador, à violência e à desordem.

Mas há mais sentidos nesta rede de memória. A página de desambiguação da wikipedia (utilizada para diferenciar termos com mais de um significado) afirma que Mob Rule pode significar:

1. Uma oclocracia, ou governo chefiado por uma massa de pessoas;
2. Máfia, ou outro tipo de organização criminosa;
3. Mob Rule, um jogo de computador criado em 1999.



O primeiro sentido é positivo, e de certa forma levaria à associação das manifestações com uma demanda da população por maior participação política, ou por melhor representatividade das minorias no governo. Já interpretação a partir do segundo significado atrela os tumultos a atividades criminosas, como gangues e máfias de minorias. Pela terceira significação, é possível que os atos de violência sejam percebidos como parte de uma estratégia, como no jogo supracitado; ou, em outra interpretação, vincular as manifestações à juventude, maior consumidora dos *games* para computador.

Não é possível definir qual leitura tornou-se hegemônica para o leitor britânico. Os muitos modos de ler a página do Daily Telegraph depende das posições discursivas em que se encontra cada leitor, cada sujeito. Mas é possível inferir que, considerado o público leitor típico deste jornal, tido como conservador, o gesto de interpretação formulado na capa produziu sentidos de recriminação, sentidos morais, mais que políticos.

### 4.3. Daily Mirror

O Daily Mirror é um bom representante do jornalismo tablóide britânico. Sua ênfase é em histórias sensacionalistas, especialmente criminais, colunas de fofocas de celebridades e horóscopo.

A capa do Daily Mirror do dia 9 de agosto é um exemplo: no alto, uma informação “exclusiva” sobre a cantora e apresentadora Coleen Nolan. Na lateral direita, uma propaganda separa uma notícia sobre treinamentos de defesa da Princesa Kate e uma nota sobre outro escândalo de Amy Winehouse – ambas as notícias com fotografias.

A mesma foto utilizada





pelo Daily Telegraph ocupa a maior parte da página. O título, “Yob Rule”, ocupa a parte de cima da imagem, e dois subtítulos menores estão localizados na base: “Mulher salta por sua vida enquanto os tumultos se espalham” e “Polícia derrotada enquanto Primeiro Ministro retorna para discussão da crise”. Duas outras fotos superpostas mostram um manifestante depredando um carro da polícia e um policial, com sangue no rosto, sendo afastado da confusão por outro policial.

“Yob” é uma gíria britânica para jovem rude ou agressivo – gíria que talvez tenha surgido pela alteração da palavra “boy” (menino), lida ao contrário. A semelhança de “Yob” com “Mob”, presente no Daily Telegraph, também não é coincidência – a identificação fonética propicia a associação entre as duas palavras. Assim, o Daily Mirror associa os protestos não apenas com a “multidão”, mas também com a juventude.

As duas fotos escolhidas são ícones da violência das manifestações, complementando a significação do título. Um quadro com um pequeno texto, descrevendo as fotos e contextualizando-as com as manifestações, completa as informações página e encaminha o leitor para o interior do jornal.

Também o Mirror aponta para os sentidos morais, mais que políticos, circunstanciais, mais que históricos. Com a diferença de que, com Yob, uma marca linguística de jovens da periferia, ele aponta diretamente o culpado.

## **5. Considerações Finais**

A contestação da ordem social vigente, do discurso da cidade se deu naqueles dias de agosto na forma de violência contra o espaço público. E este próprio discurso vigente é, em parte, constituído pela mídia formadora de opinião. Mas os jornais, algumas vezes, não apontam para os mesmos sentidos, não sustentam os mesmos discursos. Com isso a cidade também, como qualquer texto, é um espaço heterogêneo de sentidos, embora sempre há como identificar discursos hegemônicos.

O caso analisado, a cobertura dos conflitos de Londres por três jornais, mostra a importância de pesquisas empíricas que mostrem a constituição desta textualidade heterogênea que é a cidade, principalmente os grandes centros urbanos, marcadas, no contexto da globalização, pela complexidade identitária, pelo confronto permanente de percepções e discursos sobre o que a sociedade é e pode vir a ser. Os jornais analisados



apontaram para diferentes gestos de interpretação, embora o terceiro e o segundo sustentaram discursos mais próximos.

Pela análise, percebemos a valorização, pelo Guardian, do contexto social em que as revoltas se inserem: o título, quase ufanista, e a colocação de outras matérias sobre crise econômica na mesma página, contextualizam as revoltas e, de certa forma, justificam a violência dos protestos.

O Daily Telegraph optou por uma nomenclatura ambígua do título, que tanto pode referir-se à demanda popular por mais participação política quanto aos tumultos, associados ao som do metal pesado ou à máfia, organização criminosa. No entanto, a disposição da matéria praticamente sozinha na primeira página pode ser uma tentativa de mostrar as manifestações como um fato isolado de outros acontecimentos, nacionais ou internacionais.

Já o tabloide Daily Mirror enfocou mais na violência dos atos, com fotos mais chocantes que simbólicas. O uso de gíria no título é uma marca linguística clara de um discurso de recriminação àqueles que a usam.

O estudo evidencia, portanto, que os três periódicos, noticiando o mesmo fato e utilizando a mesma fotografia, foram capazes de atribuir sentidos notavelmente diferentes ao discurso.

### **Referências Bibliográficas**

CANCLINI, Néstor García. **Imagínarios urbanos**. 3. ed. Buenos Aires: Eudeba. 2007

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2003. os 80-83

HALL, Stuart. **A Questão Multicultural** in: Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

MOLINA, Matias M. **Os Melhores Jornais do Mundo**: Uma visão da imprensa internacional. Rio de Janeiro: Editora Globo. 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Unicamp. 1995.

RAMOS, Tiago Roberto; PIMENTEL, Renata Marcelle Lara. **A relação centro-periferia na discursividade da cidade**. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos



Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>>  
Acesso em: 28 de abril de 2012.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense. 2004.

**Top 200 Newspapers in the world**. Disponível em: <<http://www.4imn.com/top200/>> Acesso: 05 de maio de 2012

**List of Newspapers in the world by Circulation**. Disponível em:  
<[http://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_newspapers\\_in\\_the\\_world\\_by\\_circulation](http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_newspapers_in_the_world_by_circulation)> Acesso em: 05 de maio de 2012

**The Battle of London**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Battle\\_of\\_London](http://en.wikipedia.org/wiki/The_Battle_of_London)>  
Acesso em: 28 de abril de 2012

**Definition of Language**. Disponível em: <<http://www.asha.org/docs/html/RP1982-00125.html>>  
Acesso em: 23 de abril de 2012

**List of Riots in London**. Disponível em:  
<[http://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_riots\\_in\\_London](http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_riots_in_London)> Acesso em: 23 de abril de 2012

**Disambiguation Page: Mob Rule**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Mob\\_rule](http://en.wikipedia.org/wiki/Mob_rule)>  
Acesso em: 04 de maio de 2012

**How the newspapers headlined the London riots**. Disponível em:  
<<http://www.guardian.co.uk/media/greenslade/2011/aug/09/national-newspapers-london-riots?INTCMP=SRCH>> Acesso em: 04 de maio de 2012

**UK riots front pages – in pictures**. Disponível em:  
<<http://www.guardian.co.uk/media/gallery/2011/aug/09/uk-riots-front-pages-in-pictures?INTCMP=SRCH#/?picture=377715834&index=16>> Acesso em: 02 de maio de 2012.

**Histórico dos Acontecimentos em Londres** baseia-se em:  
<<http://www.guardian.co.uk/uk/blog/2011/aug/09/london-riots-violence-looting-live#block-95>>  
<<http://www.independent.co.uk/news/uk/crime/the-night-that-rioters-ruled-and-police-lost-control-of-the-streets-of-london-2335067.html>> <<http://www.mirror.co.uk/news/uk-news/london-riots-more-than-2000-people-185548>> <<http://news.sky.com/home/uk-news/article/16046035>> <<http://www.guardian.co.uk/uk/2011/aug/07/tottenham-riots-peaceful-protest>> <<http://www.bbc.co.uk/news/uk-england-london-14443311>>  
<<http://www.ndtv.com/article/india/london-riots-continue-birmingham-test-in-jeopardy-125318>> <<http://www.guardian.co.uk/uk/2011/aug/08/london-riots-spread-second-night>>  
>Acesso em: 25 de abril de 2012